

Terror no Orfanato

Chovia muito naqueles dias. As estradas de terra estavam alagadas, impossibilitando a passagem de carroças, e nós estávamos isoladas no orfanato junto com as crianças. De alguma forma eu sabia que, por causa do isolamento e sem a presença do Padre Frederico, as coisas ficariam terríveis para todas nós.

As freiras passavam a maior parte do tempo trancadas em seus quartos com medo de um menino chamado Ciro Gamaliel. E o arrependimento me consumia como um tumor, porque ele estava ali no orfanato por minha causa. Eu o encontrei deitado debaixo de um arbusto, enrolado num pano sujo e rasgado, já quase morto. Sua mãe o abandonou ali para morrer. E eu o amei desde o momento em que vi aquele rostinho pálido e sujo de terra clamando por socorro.

Peço que Deus perdoe aquela mulher, seja qual for o motivo que a levou a cometer esse ato desumano.

Não consigo entender, não consigo entender o que aconteceu com Ciro. Nos primeiros anos em que passamos juntos, ele era calmo e quieto, mas com o passar do tempo foi ficando violento e nervoso. Ficou tão ruim que matou um menino. Eu não estava lá, eu não vi, por isso não acreditei. Me disseram que algum órfão colocou pedras nos sapatos do Ciro e ele se machucou quando calçou. Depois de descobrir quem foi, pedi para que o culpado fosse castigado, mas as freiras não fizeram nada, então Ciro decidiu resolver o assunto por conta própria.

Encontraram o corpo do menino pendurado no telhado do pátio, com os ossos retorcidos. Ciro estava ali perto, imóvel, olhando fixamente para sua vítima como se sua morte não fosse suficiente.

"O que o pobre garoto viu antes de morrer?", me questionei enquanto carregava o corpo e observava o terror estampado no olhar leitoso e sem vida dele. Nós o enterramos num campo gramado que ficava a poucos quilômetros do orfanato. Isso nunca havia acontecido antes. Aquele foi o primeiro corpo a ser enterrado ali.

Eu, as freiras e as crianças ficamos aterrorizadas. Elas queriam levá-lo para longe dali, mas não tiveram coragem de dizer ou demonstrar isso à ele. Lembro-me de que escrevemos dezenas de cartas para a Madre Sirlene contando tudo o que nos aconteceu, porém ela não nos respondeu, porque, pelo visto, estava muito ocupada em sua viagem missionária.

O tempo passou e o medo aumentou. Ciro nos ameaçava a todo instante. Ele roubava os outros órfãos, quebrava os móveis, e partia as vidraças. O mais impressionante é que ele fazia essas coisas sem que ninguém percebesse. Parecia que era só imaginar que acontecia.

Quando o Padre Frederico veio nos visitar, algumas semanas depois da morte do órfão, sentimos um imenso alívio. Nossas preces foram atendidas e nossa esperança renovada. Acreditamos que o Padre resolveria todos os problemas, como ele sempre fazia — mas aquele não era um problema comum, não era mais um daqueles problemas pequenos que se pode resolver com diálogo e pedido de desculpas.

Depois de muita conversa com Ciro, o Padre percebeu que a situação estava difícil, e reconheceu que não poderia ajudá-lo sozinho. Então, para nossa agonia, ele decidiu ir atrás de um velho amigo que provavelmente ajudaria. Ele morava numa vila distante, cujo nome e localidade não me recordo agora. O Padre Frederico não quis esconder a verdade, e confessou que aquela seria uma longa viagem e duraria muitos dias. Ao sabermos disso, choramos de desespero. Não queríamos que ele nos deixasse, mesmo sabendo que era necessário.

Nós preparamos bolos com frutas secas e pães para ele. Colocamos tudo na carroça junto com os galões de água. Pentreamos o cavalo, limpamos os cascos dele e o alimentamos. Quando o Padre Frederico entrou na carroça e seguiu viagem, as coisas começaram a mudar e só nos restou orar. Ciro estava numa das janelas observando tudo. E quando nos entreolhamos, ele disse:

— Um anjo. Um anjo está fora da gaiola.

— O quê? – perguntei. Não entendi o que ele quis dizer com isso.

— Um anjo está voando para longe. Pegue ele, pegue ele pelas asas antes que seja tarde.

Ignorei. Não nos falamos mais naquele dia.

As coisas começaram a ficar medonhas na manhã seguinte. Depois de me levantar, me ajoelhei para orar em favor do Padre Frederico e encontrei um pássaro morto debaixo da minha cama. Ele estava com as asas quebradas e sem o bico. As penas estavam espalhadas sobre uma poça de sangue. Senti meu estômago se revirar como jamais senti. Vomitei umas três vezes.

Estava assim em todos os quartos. Debaixo de cada uma das camas havia um pássaro morto exatamente do mesmo jeito. As crianças choravam e gritavam. Algumas freiras tentavam acalmá-las, enquanto outras limpavam a sujeira. Era difícil não vomitar.

Em meio aos gritos podia-se ouvir uma gargalhada. Estava vindo da sala. Era Ciro, contorcendo-se no chão de tanto rir. Não muito tempo depois o silêncio tomou conta do lugar inteiro, a única coisa que se podia ouvir era aquela gargalhada — perversa demais para uma criança. Todos os olhos estavam postos sobre ele. Quando percebeu, levantou-se e perguntou abrindo um sorrisinho:

— Por que estão me olhando assim?

— Queremos saber onde está a graça — um feira respondeu batendo os pés.

— É! Você está aí rindo enquanto as crianças estão assustadas! — berrou uma outra feira.

— Estamos cansadas de você!

As freiras começaram a afrontar e a provocar Ciro. Disseram naquele momento tudo que estavam sentido por ele. Eu fiquei calada, porque sabia que o meu olhar carregado já era suficiente para demonstrar todo o meu desprezo por ele. Mas era óbvio que Ciro não ouviria tudo aquilo e ficaria quieto, ele não desperdiçaria uma oportunidade de nos aterrorizar.

Ciro abaixou sua cabeça como uma criança normalmente faz quando vai chorar. Ele ficou por uns instantes naquela posição e, de repente, o lustre que ficava no centro da sala caiu e se espatifou em vários pedaços. Por pouco ninguém se feriu. Ciro gritou. As paredes tremiam e os móveis se balançavam como se estivéssemos no meio de um terremoto. Pensei que tudo iria desmoronar e corri para fora junto com as crianças. Ciro foi atrás de nós. Os olhos dele se moviam delirantemente.

— Vocês... não... podem... fugir... — disse antes de desmaiar. Torcemos para que estivesse morto, Deus nos perdoaria por isso, porque Ciro era ruim e nos perturbava. Infelizmente ele acordou duas horas mais tarde.

Depois desses acontecimentos as freiras começaram se trancar em seus quartos. As crianças saíam para fora do orfanato e ficavam longe do alcance de Ciro por um tempo até o anoitecer, quando voltavam para dormir. E ainda sim não conseguiam dormir muito bem.

Todos os dias Ciro matava pássaros, ratos, sapos, lagartos e usava o sangue deles para escrever alguma mensagem perturbadora na parede. Como não tinha amigos achava isso muito divertido. Mas quando o período de chuvas chegou, a diversão acabou. Todo mundo tinha que ficar dentro do orfanato. Ciro não podia matar animais.

Agora sim, verdadeiramente, as coisas pioraram. Como eu já havia dito, estar ali no orfanato sem o Padre Frederico e isoladas do resto do mundo, junto com uma criança cruel que poderia fazer algo muito ruim a qualquer momento, fez algumas de nós enlouquecer. As freiras começaram a relatar visões, alucinações. *"Eu estava dentro da banheira me banhando. Depois de sentir algo se movendo nas minhas costas, percebi que estava tomando banho com serpentes"*, disse uma das freiras. *"Quando eu me levantei nessa manhã olhei para as minhas pernas e elas estavam esqueléticas. Eu podia ver o osso esbranquiçado aparecendo por debaixo da pele"*, disse outra.

Mas esses e outros relatos não se comparam com o que eu vi. Foi terrivelmente real. Eu estava na cozinha preparando massa de pão, de repente uma gota vermelha caiu na minha mão. Minha primeira reação foi olhar para o teto para ver o que era. Era sangue. Estava escorrendo sangue do teto. E não era pouco. Parecia uma chuva. Pouco tempo depois os ladrilhos brancos do chão ficaram completamente encharcados pelo fluido escarlate. Inesperadamente eu também fiquei ensopada de sangue dos pés a cabeça. Ficou cem vezes pior quando vi duas pequenas mãos saindo da enorme poça de sangue. As mãozinhas agarraram as minhas pernas e apertaram com muita força.

Rutênia, está tudo bem! Rutênia, minha querida, nós estamos aqui!, as freiras diziam na tentativa de me acalmar, ao mesmo tempo que me seguravam e davam leves bofetadas no meu rosto. Por fim, depois de perceber que tudo veio da minha cabeça, fiquei calma, mas não parei de pensar no que vi. Acho que tinha um significado. O que aconteceria futuramente me faria pensar que aquilo talvez tenha sido uma visão profética.

Naquela noite não preguei os olhos em nenhum momento, por isso tive tempo para pensar no que seria um boa solução para nosso grande problema. Já que o Padre Frederico não chegaria tão cedo com seu amigo, teríamos que fazer algo por conta própria, antes que mais alguém tivesse uma alucinação bizarra, enlouquecesse de vez, ou pior, morresse. Tínhamos que ficar juntas e agir de alguma forma. Fizemos algumas reuniões, entretanto não decidimos nada, porque as outras freiras tinham medo do que poderia acontecer. Confesso que a única coisa que eu queria era matar Ciro. Guardei essa ideia só para mim por dias e mais dias, até que Ciro quebrou o braço de uma garotinha e os dentes de um menino. Mais cenas horríveis de se presenciar, com muito sangue e dor. Aí não pude mais conter a vontade de matá-lo, minha consciência ansiava por isso. E eu tinha certeza de que era uma decisão racional, mas o medo e o desespero já haviam tomado todas as rédeas.

Decidi não contar para ninguém e fazer tudo sozinha, caso contrário poderiam tentar me impedir. Tive tempo para pensar.

Me lembro de cada detalhe daquela noite. Chovia muito. O som dos trovões estrugia pelos corredores. E os relâmpagos iluminavam o lugar quando cortavam o céu. Eu estava sentada no sofá, segurando uma caixinha de fósforos e um candeeiro com petróleo. Todos já estavam dormindo. Depois de alguns minutos, acendi o candeeiro e fui para o quarto onde Ciro dormia — ninguém mais dormia lá, além dele. Deixei o candeeiro no chão ao lado da cama. Peguei um travesseiro e me aproximei. Olhei para o rosto dele sendo iluminado pela tímida luz do candeeiro e me lembrei da primeira vez que o vi deitado debaixo do arbusto. Fui tomada por uma intensa comoção, mas eu não podia desistir. Lágrimas escorriam dos meus olhos enquanto eu apertava o travesseiro sobre o rosto dele. Eu apertei tão forte que minhas unhas quebraram. Ciro começou a se contorcer.

Pensei que estava conseguindo, porém fui arremessada para longe. Minha cabeça acertou a parede e eu caí desnorreada. Ciro se levantou da cama e correu para fora do quarto. Minha visão estava embaçada e por um instante não vi a coluna laranja que serpenteava, vindo em minha direção. Era fogo. O candeeiro se quebrou e o petróleo vazou. Foi assim que o incêndio começou. Aquelas chamas se alastraram com uma rapidez espetacular no chão de madeira. Tenho certeza de que Ciro fez algo para que o incêndio piorasse. Em segundos as camas e os móveis já estavam completamente tomados pelo fogo. Os lençóis e as cortinas também queimaram.

Eu me vi cercada. Pensei que morreria. Olhei ao meu redor para encontrar uma saída. A janela era a única. Tive que pular. Me lembro de ter ouvido os gritos de pavor das crianças e das freiras que morriam pouco a pouco nas chamas.

Meu rosto e as minhas mãos ficaram cheias de cacos de vidro. O sangue que escorria dos cortes se misturava com a lama fria e escura. A espessa fumaça que cobria o céu noturno tinha cheiro de carne queimada. A chuva não parava de cair, assim como as lágrimas em meus olhos.

Me arrastei por muitos quilômetros, até chegar na estrada. Vi, apontando no horizonte, uma carroça desengonçada. Era o Padre Frederico com seu amigo.

— Vocês chegaram tarde! — gritei, deitada do no chão — Estão todos mortos!

Abner Rodrigues Gonzaga (2º ano - Mecânica)